



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO 202º CAPÍTULO GERAL ORDINÁRIO DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS

Sala Clementina

Segunda-feira, 17 de junho de

2019 [\[Multimídia\]](#)

Amados Irmãos!

Dou as minhas cordiais boas-vindas a vós, membros do Capítulo Geral da vossa Ordem. Agradeço ao novo Ministro-Geral, Frei Carlos Trovarelli. Dirijo as minhas felicitações a ele e aos Definidores-Gerais pela confiança que os irmãos depositaram neles.

Recentemente, a Santa Sé aprovou as vossas Constituições, renovadas no Capítulo Geral Extraordinário, que teve lugar no verão passado. Para adotar esta revisão, agora debatestes e aprovastes os novos Estatutos gerais, que se referem a elementos essenciais da vossa vida fraterna e missionária, como a formação, a interculturalidade, a partilha e a transparência na gestão da economia. Este trabalho é cansativo, mas trata-se de um esforço bem envidado! Com efeito, as Constituições são o instrumento necessário para preservar o património carismático de um Instituto e garantir a sua transmissão futura. De facto, elas exprimem a modalidade concreta do seguimento de Cristo, proposta pelo Evangelho, regra de vida absoluta para todos os consagrados e particularmente para os seguidores de São Francisco de Assis que, na profissão, se comprometem a «viver segundo a forma do santo Evangelho» (cf. São Francisco, *Testamento*, 14). Impressiona-me profundamente aquele conselho de Francisco aos frades: «Pregai o Evangelho e, se for necessário, também com palavras»: é um modo de viver! Se cada vida consagrada «nasce da escuta da Palavra de Deus e do acolhimento do Evangelho como norma de vida» (Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, *Propositio* 24), a vida franciscana nasce em todas as suas manifestações da escuta do santo Evangelho, como nos mostra o Pobrezinho na Porciúncula quando, depois de ter ouvido a narração do seguimento, exclama: «É isto que quero, que peço, que desejo fazer com todo o meu coração!» (Tomás de Celano, *Vida Primeira*, IX, 22).

Amados irmãos, “para vós o Evangelho é regra e vida” (São Francisco, *Regra bulada*, I, 1) e a vossa missão consiste unicamente em ser um Evangelho vivo, “exegese viva da Palavra”, dizia Bento XVI (Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, 83). O Evangelho deve ser o vosso *vade-mécum!* Ouvi-o sempre com atenção, rezai com ele e, seguindo o exemplo de Maria, “Virgem que se fez igreja” (cf. São Francisco, *Saudação à Bem-Aventurada Virgem Maria*, 1), meditai-o assiduamente a fim de, assimilando-o, conformardes a vossa vida com a de Cristo.

Este caminho de seguimento distingue-se, antes de tudo, pela *fraternidade*, que Francisco sentia como uma dádiva: «O Senhor concedeu-me irmãos» (*Testamento*, 14). A fraternidade é um dom que deve ser recebido com gratidão. É uma realidade sempre “a caminho”, em construção, e que portanto requer a contribuição de todos, sem que ninguém se exclua nem seja excluído; na qual não existem “consumidores”, mas construtores (cf. *Constituição geral da OFM Conv.*, 55, 5). Uma realidade em que se possam viver percursos de aprendizagem contínua, de abertura ao próximo, de intercâmbio recíproco; uma realidade acolhedora, disposta e disponível a acompanhar; uma realidade em que seja possível fazer uma pausa na vida de todos os dias, para cultivar o silêncio e o olhar contemplativo, e deste modo reconhecer nela a marca de Deus; uma realidade em que todos vos considereis irmãos, tanto os ministros como os demais membros da confraria; uma experiência em que cada um seja chamado a amar e a alimentar o seu irmão, assim como a mãe ama e nutre o próprio filho (cf. São Francisco, *Regra não bulada*, IX, 11). Exorto-vos a alimentar a vossa fraternidade com o *espírito da santa oração e devoção*, «ao qual devem servir todas as outras coisas temporais» (Id., *Regra bulada*, V, 2). Deste modo, a vossa vida fraterna em comunidade torna-se uma forma de profecia na Igreja e no mundo; e torna-se uma escola de comunhão, a praticar sempre, segundo o exemplo de Francisco, em relação de amor e de obediência com os Pastores.

Outra característica da vossa forma de vida é a *menoridade*. Gosto muito disto: pensar na vossa *menoridade*. Trata-se de uma escolha difícil, porque se opõe à lógica do mundo, a qual procura o sucesso custe o que custar, deseja ocupar os primeiros lugares, quer ser considerado como dono. Francisco pede-vos que sejais menores, a exemplo de Jesus, que não veio para ser servido mas para servir (cf. *Mt* 20, 27-28) e que nos diz: «Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o escravo de todos» (*Mc* 10, 43-44). Que a vossa única ambição seja esta: ser servos, servir-vos uns aos outros. Se for vivida assim, a vossa existência será profecia neste mundo, onde a ambição do poder é uma grande tentação.

Apregoai a *paz*. A saudação franciscana que vos distingue é: “Paz e bem!”, em hebraico “*Shalom we tob*”, que podemos traduzir com *reconciliação*: reconciliação consigo mesmo, com Deus, com os outros e com as criaturas, ou seja, viver em harmonia: a paz que nos traz a harmonia! Trata-se de uma reconciliação em círculos concêntricos, que parte do coração e abrange o universo — mas na realidade parte do Coração de Deus, do Coração de Cristo. A reconciliação é o prelúdio da paz que Jesus nos deixou (cf. *Jo* 14, 27). Uma paz que não é ausência de problemas, mas

que vem mediante a presença de Deus em nós mesmos e se manifesta em tudo aquilo que somos, fazemos e dizemos. Possais ser mensageiros de paz, antes de tudo com a vida e depois com as palavras. Possais ser, em todos os momentos, instrumentos de perdão e de misericórdia. As vossas comunidades sejam lugares onde se experimente a misericórdia, como vos pede São Francisco na *Carta a um Ministro*: «E é desta forma que quero ver se amas o Senhor e a mim, seu servo e teu, se procederes assim: que não haja no mundo irmão algum que, por mais que tenha pecado e venha ao encontro do teu olhar a pedir misericórdia, se vá de ti sem o teu perdão. E se não vier pedir misericórdia, pergunta-lhe tu se ele a quer. E se depois, mil outras vezes vier ainda à tua presença para o mesmo, ama-o mais que a mim, a fim de o trazeres ao Senhor. E que sempre te enchas de compaixão por esses irmãos» (9-12). Não há paz sem reconciliação, sem perdão, sem misericórdia. Somente quem tem um coração reconciliado pode ser “ministro” da misericórdia, obreiro de paz!

Para tudo isto é necessária uma *formação* adequada. Um caminho de formação que favoreça nos irmãos uma conformação cada vez mais completa com Cristo. Uma formação integral, que abranja todas as dimensões da pessoa. Uma formação personalizada e permanente, como itinerário que dura a vida inteira. Uma formação do coração, que mude o nosso modo de pensar, de sentir e de nos comportarmos. Uma formação para a fidelidade, conscientes de que hoje vivemos na cultura do provisório, que o “para sempre” é muito difícil e que as escolhas definitivas não estão na moda. Neste contexto há necessidade de formadores sólidos e peritos na escuta e nos caminhos que conduzem a Deus, capazes de acompanhar os outros neste percurso (cf. São João Paulo II, Exortação Apostólica *Vita consecrata*, 65-66); formadores que conheçam a arte do discernimento e do acompanhamento. Só assim poderemos impedir, pelo menos em parte, a hemorragia de abandonos que atinge a vida sacerdotal e consagrada.

Caros irmãos, concedo de coração a Bênção apostólica a vós e a todas as comunidades da vossa Ordem. Rezo por vós! E consola-me também que o Ministro-Geral tenha dito que vós orais por mim. Obrigado!